

PERFIS COMPORTAMENTAIS DE ANSIEDADE EM VESTIBULANDOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

SALDANHA, Maira.

SOUZA, Débora.

TABORDA, Raiane.

mairasaldanha@fag.edu.br

dfdmsouza@minha.fag.edu.br

rctaborda@minha.fag.edu.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre o transtorno de ansiedade segundo a teoria analítico comportamental, a explanação sobre o processo de provas de vestibulares e seus estressores. O objetivo foi analisar o perfil comportamental de três vestibulandos do terceiro ano do ensino médio, de uma instituição privada de ensino, do município de Cascavel - Paraná. Os resultados revelaram que os exames de vestibulares interferiram no comportamento ansioso de duas vestibulandas. Contudo, a partir da análise funcional dos relatos das entrevistadas, verificou-se que os sintomas ditos ansiosos foram selecionados ao longo da história de vida de cada uma das participantes. O contexto da pandemia do Covid-19 foi fator desencadeador dos comportamentos problemáticos, contribuindo para a manutenção deste frente às provas regulares em sala de aula e aos exames vestibulares. A amostra foi de três participantes, com dados coletados por meio de entrevista semiestruturada, realizada de forma presencial. O instrumento utilizado para análise das entrevistas foi a análise funcional.

Palavras-chave: Adolescência; Ansiedade; Ensino Médio; Vestibular.

Maira¹ Orientadora - Psicóloga, Graduada em Psicologia - Centro Universitário Filadélfia (2014). Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual de Londrina (2008). Especialista em Psicologia Aplicada à Educação - Universidade Estadual de Londrina (2010). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional - Universidade Norte do Paraná (2011). Especialista em Educação a Distância - Faculdade Instituto Superior de Educação do Paraná (2015). Mestre em Análise do Comportamento - Universidade Estadual de Londrina (2016). Email: mairasaldanha@fag.edu.br

Débora² Acadêmica do décimo período de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: dfdmsouza@minha.fag.edu.br

Raiane³ Acadêmica do décimo período de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: rctaborda@minha.fag.edu.br

PERFIS COMPORTAMENTAIS DE ANSIEDADE EM VESTIBULANDOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

SALDANHA, Maira.

SOUZA, Débora.

TABORDA, Raiane.

mairasaldanha@fag.edu.br

dfdmsouza@minha.fag.edu.br

rctaborda@minha.fag.edu.br

ABSTRACT

The present work begins with the study of anxiety disorder according to the behavioral analytical theory, the explanation of the vestibular tests process and its stressors. The objective was to analyze the behavioral profile of three entrance exams from the third year of high school, from a private institution in the municipality of Cascavel. The results revealed that the vestibular exams interfered in the anxious behavior of two university students. However, from the functional analysis of the interviewees' reports, it was found that the so-called anxious symptoms were selected throughout the life history of each of the participants. The context of the Covid-19 pandemic was a triggering factor for problem behaviors and contributed to maintaining this response to regular classroom tests and college entrance exams. The sample consisted of three participants with data collected through semi-structured interviews carried out in person. The instrument used to analyze the interviews was the functional analysis.

Key words: Adolescence; Anxiety; High school; Entrance exam.

Maira¹ Advisor - Psychologist, Graduated in Psychology - Philadelphia University Center (2014). Graduated in Pedagogy - State University of Londrina (2008). Specialist in Psychology Applied to Education - State University of Londrina (2010). Specialist in Clinical and Institutional Psychopedagogy - Universidade Norte do Paraná (2011). Specialist in Distance Education - Faculty Instituto Superior de Educação do Paraná (2015). Master in Behavior Analysis - State University of Londrina (2016). Email: mairasaldanha@fag.edu.br

Débora² Academic of the tenth period of Psychology at the Centro Universitário Assis Gurgacz.

E-mail: dfdmsouza@minha.fag.edu.br

Raiane³ Academic of the tenth period of Psychology at the Centro Universitário Assis Gurgacz.

E-mail: rctaborda@minha.fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O tema do referido trabalho trata do comportamento ansioso em vestibulandos, abordando perfis comportamentais de ansiedade em jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio, de uma Instituição Escolar, privada, de Cascavel - Paraná.

A análise da ansiedade em adolescentes do terceiro ano do ensino médio, dentro do cenário atual é de suma importância, ao levar em conta as novas etapas a serem vivenciadas a este público, os desafios quanto a direção acerca da graduação e as consequências na saúde mental.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), o Brasil tem o maior número de pessoas ansiosas do mundo. 18,6 milhões de brasileiros sofrem com a ansiedade, ou seja, 9,3% da população no Brasil convive com o transtorno. Esses números demonstram a relevância de um olhar mais cuidadoso com a saúde mental da população em geral, incluindo os jovens pré-vestibulandos.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (2014, p. 189),

“os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional à ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura”.

Em outras palavras, o termo “medo” se relaciona ao perigo real, já o termo “ansiedade” pode ser relacionado ao perigo potencial. Nesse sentido, o comportamento de medo/ansiedade tem a função de preservar o indivíduo, o que aponta um caráter natural e filogeneticamente selecionado da ansiedade (BRANDÃO, 2001).

Ao analisar as respostas eliciadas, seja pelo aumento da frequência respiratória, taquicardia, desconforto abdominal, dilatação da pupila, entre outros, verifica-se que favorecem o comportamento de luta/fuga diante de um predador. Logo, garantiria o prolongamento da vida e aumentaria a possibilidade de transmissão desses genes pela

procriação (BRANDÃO, 2001). Dessa maneira, a seleção natural provavelmente impulsionou essas respostas sentidas e descritas como ansiedade (GRAEFF, 1999).

À vista disso, o medo e a ansiedade fazem parte de uma mesma classe de respostas (reação de defesa) e são eliciados por estímulos ambientais (estímulo aversivo incondicionado ou operação de punição). Tanto no medo quanto na ansiedade, o estímulo aversivo se torna presente (BRANDÃO, 2001). Estímulos neutros, emparelhados com estímulos aversivos repetidas vezes, passam a ter propriedades aversivas e são capazes de eliciar respostas equivalentes à de medo (MOREIRA & MEDEIROS, 2007). Nesse sentido, a ansiedade seria caracterizada por respostas sob controle de estímulos condicionados (emparelhamento de estímulos neutros com estímulos incondicionados aversivos) (ZAMIGNANI e BANACO, 2005).

Contudo, quando as relações reflexas são consequências podem alterar o ambiente e estabelecer uma relação de contingência. As respostas passam a ser selecionadas a partir de suas consequências, estabelecendo uma relação operante (i.e., gritos e sobressaltos, respostas reflexas, públicas, de medo, podem ser reforçadas positivamente pela atenção e afeto de pessoas próximas ou mesmo por reforçamento negativo, pela dispensa do trabalho, transformando respostas inicialmente reflexas em relações operantes). Imediatamente, também podem ser apresentadas respostas privadas de medo, como inquietação, desconforto, sudorese, etc., adquirindo função de estímulo discriminativo por um processo histórico (ZAMIGNANI e BANACO, 2005).

Desse modo, as respostas de ansiedade são compostas por comportamentos respondentes e comportamentos operantes de fuga/esquiva de estímulos aversivos incondicionados e/ou condicionados. As respostas de “ansiedade natural” teriam função de preparação para potenciais perigos. Contudo, a ansiedade passa a ser “problemática” ao envolver baixa eficiência comportamental em relação às habilidades sociais, acadêmicas, profissionais, atencionais, entre outras, além de sofrimento ao indivíduo e gasto de tempo excessivo em respostas de fuga e esquiva (ZAMIGNANI e BANACO, 2005).

Dito isso, e considerando o analista do comportamento um cientista natural, que entende que as mudanças comportamentais são produtos da seleção pelas consequências, estando ele ligado a eventos públicos ou privados, e entendendo comportamento como a relação indivíduo e mundo, o objetivo é sempre investigar as unidades funcionais do comportamento (MATOS, 1999). Apenas com a identificação e manipulação da consequência controladora é que a mudança desejada pode ser alcançada.

É a partir da análise de processos históricos e das relações de contingências que é possível identificar o que desenvolveu e mantém os sintomas ansiosos, ou seja é a partir da análise funcional, que define a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta, as consequências produzidas por essa resposta e que oferece uma relação probabilística dessa consequência influenciar a ocorrência dessa classe de resposta futuramente (Skinner, 1974/2006; Bettio e Laurenti, 2016). Nas palavras de Todorov é “A partir dessa identificação, [que] algumas previsões podem ser feitas a respeito da interação detectada” (TODOROV, 1985, p. 75). Assim, “cada contingência constituiria uma história de variação e de seleção da espécie, do indivíduo e da cultura” (Silva e Laurenti, 2016, p. 202).

Nessa perspectiva, ao compreender que no desenvolvimento humano é previsto uma evolução do comportamento, que segue uma direção, sendo dependentes das contingências de reforçamento experienciadas por cada indivíduo (Abib, 2001) é que Bettio e Laurenti (2016, p. 105) destacam que:

(...) Embora exista certa regularidade na ordem em que se dão tais mudanças e essas possam ter correlação com a idade, a passagem do tempo não deve ser considerada uma variável explicativa. Além disso, a ordem e a velocidade das mudanças não são fixas e universais, pois dentro dos limites impostos pelo desenvolvimento biológico, é possível modificar as contingências ontogenéticas e culturais às quais o indivíduo é exposto.

Skinner (1969) reconhece a importância das variáveis genéticas e a íntima relação entre a idade e certas regularidades de mudanças comportamentais como variáveis descritivas. O autor destaca que não são explicativas, pois segundo “atribuir essas mudanças meramente à herança genética ou à passagem do tempo impossibilita qualquer ação que se dê com o intuito de intervir no processo de desenvolvimento”.

Nesse sentido, considerando “que todo comportamento é produto de uma história de contingências, inclusive aqueles considerados “patológicos” e “anormais” (Bettio e Laurenti, 2016, p. 106) é que a análise funcional se apresenta como ferramenta adequada para identificar as contingências que propiciam o desenvolvimento de sintomas não adaptativos, como ansiedade e depressão, em adolescentes.

Para clarificar, Banaco (1998) destaca que muitos comportamentos apresentados por adolescentes, tidos por adultos como problemáticos, como a inconstância, indolência, agressividade e inseguranças, são comportamentos de esquiva e, por isso, um agente

punidor deve estar no ambiente, encontrando então a problemática, na relação do adolescente com seu mundo. Ainda sobre as inseguranças do jovem nessa fase estarem ligadas ao ambiente, o autor assinala que as “inseguranças são fruto de um ambiente extremamente punitivo que não propicia aumento e adequação do repertório comportamental” (BANACO, 1998, p. 143).

É sabido que um ambiente considerado estressor para os adolescentes é a fase pré-vestibular. Nesse período existe a pressão da família e também a expectativa quanto a aprovação e as exigências diante do curso escolhido. Assim, a escolha profissional é uma decisão que exige maturidade para que seja feita de maneira sábia e nem todos a portam (MARTINS *et al.*, 2021, p. 3). Em relação a essa decisão importante Martins *et al.* (2021) relatam que isso pode elevar os níveis de ansiedade, principalmente se o desejo da profissão almejada for diferente do que os familiares esperam, ou do que a sociedade em geral considere ser relevante. Dessa maneira, estudantes que estão se preparando para o vestibular possuem um maior nível de estresse, em decorrência das cobranças e da competição para obter notas altas para ingressarem na faculdade, em comparação com os demais estudantes.

No Brasil a admissão às Instituições de Ensino Superior (IES), na rede pública ou privada, ocorre por meio de processos seletivos. Os candidatos executam uma prova com a proposta de medir o conhecimento, as competências e as habilidades. Assim, aqueles candidatos que conquistam as melhores notas são aprovados. Os níveis de competitividade pelas vagas variam de acordo com o curso almejado e a instituição de interesse (SCHÖNHOFEN *et al.*, 2020).

Na rede pública, a forma principal de ingressar na IES é por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que teve seu início em 1998. Porém, nem todas as IES utilizam desse processo seletivo unificado, ou seja, diversas universidades, tanto públicas quanto privadas, possuem uma seleção própria, utilizando o processo seletivo pelo Vestibular (SCHÖNHOFEN *et al.*, 2020). De acordo com Soares (2010):

O vestibular é um exame que qualifica os estudantes a ingressar na universidade e, portanto, tem prerrogativas seletivas e classificatórias. A maioria dos estudantes que se submetem a este tipo de exame é de adolescentes que estão em fase final de conclusão do ensino médio (SOARES *et al.*, 2010, p. 57).

Congruente a isto, Barros (2014) traz que o estudante passa quase 10 anos de sua vida estudando matérias que na maior parte das vezes só servirão de aporte para o

vestibular. Nesse sentido, Barros destaca que o vestibular pode gerar alto nível de estresse, ansiedade e expectativas frustradas:

Por vezes, encontramos histórias de estudantes que conseguiram boas notas durante toda a sua trajetória escolar e acabaram não conseguindo uma vaga nas universidades, porque no dia da prova ficaram nervosos. Dessa forma, eles se viram obrigados a esperar, às vezes, até por mais de um ano para conseguirem a tão sonhada aprovação. Ressalte-se também que o vestibular potencializa as expectativas familiares, o que deixa o jovem ainda mais ansioso. Sem dúvida, esse alto nível de estresse afeta sua autoestima, tornando o processo de seleção bastante penoso (BARROS, 2014, p. 1066).

Nesse sentido, “o sistema de classificação por notas leva o aluno à competição para a realização pessoal no desejo de ser aceito e valorizado pela família e pela sociedade” (SOARES *et al.*, 2010, p. 58). Sendo assim, o indivíduo pode criar uma regra de que apenas aqueles bem sucedidos no exame recebem o afeto familiar e onde não se obtém a classificação, há ausência de afago, podendo causar sofrimento e ansiedade (Soares, 2010).

2 MÉTODOS

Participantes

Participaram do estudo 3 estudantes do sexo feminino, com idades entre 16 e 17 anos. Destaca-se que os participantes não poderiam ter mais de 17 anos e também não foram selecionados os que não realizassem provas vestibulares no ano de 2022, ou que não assinassem o termo de consentimento livre esclarecido.

Local, Equipamentos e Instrumentos

A coleta de dados foi realizada em uma sala de aproximadamente 2 m², na coordenação de um colégio particular de Cascavel - Paraná. A sala estava equipada com uma mesa, com 2 cadeiras, uma para a participante e uma para a pesquisadora, uma garrafa de água para cada participante, um recipiente de álcool em gel, um computador tipo PC com monitor em LCD de 17 polegadas, teclado e mouse padrão, porém, este não foi um equipamento utilizado. Para a coleta de dados, foi utilizado um celular IOS, para a gravação das entrevistas, os termos de consentimento TCLE e TALE, que de acordo

com a Resolução 466/12, explicita a autorização (consentimento) livre e esclarecido de quem participará da pesquisa e/ou de um responsável, impressos e assinados, 1 caneta e um papel guia com a entrevista semiestruturada impressa, contendo 15 questões.

Aos indivíduos que os pais autorizaram e que aceitaram participar da pesquisa foram apresentados os riscos e benefícios da investigação, além de dados pertinentes dos pesquisadores e professor orientador e uma cópia do documento.

Procedimento

A pesquisa empreendida é de caráter qualitativo, de cunho exploratório-descritivo. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada gravada, transcrita e então analisado qualitativamente, a partir da análise funcional de cada uma das respostas de cada participante. De acordo com a teoria analítico-comportamental:

“A grande ferramenta que os analistas do comportamento têm para descrever e manipular essas relações é a análise funcional. Através desse tipo de análise, é possível encontrar as relações estabelecidas entre indivíduo e ambiente, assim como a experimentação de modificações nessas relações...”
(KERBANY; WIELENSKA, 1999, p. 77).

Antes da primeira entrevista foi apresentado aos participantes, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que explicava o objetivo da pesquisa como “se há uma interferência considerável no que diz respeito à saúde mental desse público por conta da ansiedade frente à exames vestibulares” esta mesma explicação está presente no termo (TCLE). Também constava no TALE que os áudios das entrevistas seriam gravados para fins de estudo, e depois armazenados em local seguro e guardados em arquivo por pelo menos 5 anos após o término da pesquisa. Ademais, também foi informado que as participantes poderiam abandonar a pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos. Após lerem e assinarem o TALE era reforçada a informação da gravação da entrevista e assim iniciada.

As entrevistas tiveram em média o tempo de duração de aproximadamente 30 minutos. Também foi aberto um espaço para possíveis questionamentos, assim como, a não concordância relacionada à execução dos procedimentos ou pausas se assim o participante necessitasse. Quanto aos riscos aos participantes diante da pesquisa, foi acordado entre as partes que qualquer desconforto fosse estritamente respeitado, sendo

oferecido espaço e acolhimento psicológico por parte da pesquisadora que estaria fazendo esta entrevista. Por fim, foi feita a análise funcional dos relatos dos participantes, que visou descrever os perfis comportamentais de ansiedade dos vestibulandos.

3 RESULTADOS

A Tabela 1 exhibe as respostas das participantes (P1, P2 e P3) ao caracterizarem o comportamento ansioso.

	Participante 1 (P1)	Participante 2 (P2)	Participante 3 (P3)
Idade	17	17	17
Gênero	feminino	feminino	feminino
O que é ansiedade	“uma preocupação muito exagerada no presente e também ficar preso a coisas do futuro e do passado, também acaba tirando meu foco de várias outras coisas e atrapalhando meu estilo de vida, completamente” (sic)	“quando você tá batendo muito em uma coisa que você quer e daí você tem medo de fracassar ou não conseguir” (sic)	“Ansiedade, eu acho que uma coisa meio incontrolável, você começa a pensar em uma coisa pequena só que daí na sua cabeça é uma coisa muito grande, e daí você fica tipo pensando, pensando e pensando e daí começa a tipo, atrapalha na sua vida ou tipo no seu corpo, que você começa a tipo, meio que machucar as vezes, é tipo ficar mexendo a perna ou tirar os corinhos do dedo.” (sic)

Tabela 1. Caracterização do comportamento ansioso a partir das respostas das participantes.

Observa-se, na tabela 1, que P1 relaciona ansiedade a uma preocupação excessiva com o presente e medo em relação ao futuro. Já P2 a associa ao não atingir um objetivo e P3 faz referência às respostas de falta de controle de ações (motoras e pensar) e autolesão. P1 e P3 mencionaram que a ansiedade prejudica a rotina diária.

A Tabela 2 exibe exemplos de Análises Funcionais realizadas a partir do relato das participantes (P1, P2 e P3).

Participantes / Seleção de comportamentos ansiosos	Antecedentes	Respostas	Consequência
Participante 1 (P1)	Presença da mãe.	Qualquer resposta, mesmo as que P1 considerava adequada.	Agressão física.
Participante (P1)	Pandemia.	Deixou de se engajar nas atividades da escola.	1) Notas baixas (não reprovou ¹) “no final do ano eu tinha mais de 200 atividades atrasadas pra fazer” (sic), 2) Não levou bronca dos pais.
Participante (P1)	Prova “difícil”.	Não consegue resolver as questões (tremor, sudorese, palpitação).	Nota baixa.
Participante (P1)	Vestibular.	Escolha do curso baseada na instrução dos pais e professores	Aprovação dos pais, professores e diretora da escola

¹ Em função das recomendações do Conselho Nacional de Educação para a minimização da retenção em 2020 (PARECER CNE/CP Nº: 19/2020).

Participante (P1)	Possível reprovação no vestibular.	Não irá realizar outros vestibulares (Fica sob o controle de uma regra ²).	Não entrar em contato com uma possível reprovação.
Pais de P1	Notas baixas da filha.	Acolhem a filha.	Manter a filha em casa por mais tempo (reforçador negativo).
Participante 2 (P2)	Pandemia.	Passou a fazer o mínimo das atividades escolares.	Aprovação escolar no final do ano letivo.
Participante 2 (P2)	Prova.	Não consegue resolver as questões (falta de ar, dor no peito).	Nota baixa.
Participante 2 (P2)	Vestibular.	Escolha do curso baseada na remuneração futura.	Ganhar bem e “Não passar dificuldade” (sic).
Participante (P2)	Possível reprovação no vestibular.	Irá realizar outros vestibulares.	Ingressar em um curso de graduação, mesmo que seja em uma faculdade particular.
Participante 3 (P3)	Pai.	Qualquer conversa.	Críticas, imposições sobre a escolha profissional.
Participante 3 (P3)	Pandemia.	Deixou de frequentar e realizar as	Aprovação escolar no final do ano letivo.

² Estímulos discriminativos verbais que descrevem uma contingência de reforço (Skinner, 1969/1980).

		atividades escolares.	
Participante 3 (P3)	Prova “difícil”.	Não consegue resolver as questões (desconforto abdominal, dor de cabeça, falta de ar e vontade de fugir do local).	Nota baixa Iniciou a terapia em função dos sintomas ansiosos.
Participante 3 (P3)	Vestibular.	Escolha do curso baseada na instrução dos pais.	Aprovação dos pais.
Participante (P3)	Possível reprovação no vestibular.	Sentir-se mal, mas continuará estudando para outros vestibulares.	1) Reprovação social (em caso de não aprovação). 2) Aprovação social (manutenção dos estudos para outros vestibulares).

Tabela 2. Seleção de comportamentos ansiosos

A partir da tabela 2 é possível verificar que na infância de P1 passou por uma história de controle coercitivo, uma vez que todas as respostas (mesmo aquelas que acreditava serem adequadas) eram conseqüenciadas com agressões físicas pela mãe, o que aumentou a probabilidade de produção de comportamentos de fuga-esquiva dos estímulos aversivos. Por outro lado, P1 relatou que no contexto de pandemia do Coronavírus, impediu-a de se engajar nas atividades escolares (no final do ano tinha mais de 200 atividades por fazer), mas que mesmo assim conseguiu aprovação na escola (reforço positivo), o que possivelmente mantém o comportamento displicente em relação aos estudos, mas que também aumenta a chance de surgimento de respostas privadas desagradáveis (tremor, sudorese, palpitação) em situações de provas em que percebe o despreparo.

Também é possível perceber nas respostas de P1 que apesar de sempre receber punições dos pais quanto ao seu desempenho escolar, no período da pandemia teve seu rendimento diminuído e suas notas caíram, mas nenhuma consequência aversiva foi posta a ela, somente acolhimento (reforço positivo). Esse comportamento contraditório dos pais, narrado pela participante, faz menção ao fato também narrado, de que esses pais desejam que a filha permaneça junto deles por mais tempo, evitando uma possível mudança de cidade caso P1 seja aprovada em uma universidade fora da cidade natal. Dessa forma, esses comportamentos dos pais se mantêm por um esquema de reforço negativo, ao mesmo tempo que reforça positivamente o comportamento da filha de não estudar.

Em relação a reprovação do vestibular, P1 estabeleceu uma autorregra de não realizar outras provas de vestibulares caso não passe na primeira que prestar. Essa é possivelmente uma resposta de esquiva, selecionada pelas contingências aversivas vivenciadas ao longo de sua vida [“pra mim eu vou ser um fracasso e não adianta nada eu fazer aquilo porque não vai ter resposta, então eu acabo, deixando de lado” (sic)]. Segundo a participante, a escolha do curso de graduação foi selecionada em função de uma história de reforçamento social dos pais, professores e escola.

P2 relata uma relação muito boa com os pais e irmão. Na entrevista ficou claro que o grande divisor de águas para esta participante foi a pandemia, uma vez que seu histórico escolar até a pandemia era bom. P2 relata que a partir da pandemia passou a fazer o mínimo das atividades escolares e mesmo assim conseguiu a aprovação (reforço positivo), o que provavelmente selecionou e mantém seu baixo engajamento em atividades escolares, da mesma forma que ocorreu com P1, também favoreceu a eliciação de comportamentos privados (falta de ar e dor torácica no caso de P2). Apesar disso, P2 não relatou prejuízos em relação às atividades cotidianas em função dos sintomas ditos ansiosos.

Quanto à escolha do curso de graduação, P2 se baseou em cursos que lhe oferecem boas remunerações (consequência reforçadora), para que não venha passar necessidades futuras (comportamento de fuga e esquiva), além de relatar que realizará outros vestibulares caso não seja aprovada no primeiro que prestar, para que consiga realizar um curso de graduação, mesmo que seja em uma instituição particular, que parece não ser sua primeira opção.

Em relação a P3, é possível observar que às vezes que tentou ter diálogos com o pai recebeu críticas. No que diz respeito ao contexto pré-vestibular, imposições sobre a

escolha profissional de P3 foram feitas, havendo assim uma história de controle coercitivo, que tal como P1, teve aumento na probabilidade de emissão de respostas de fuga esquiva frente aos estímulos aversivos. Durante a pandemia, P3 deixou de empenhar-se nas atividades escolares, mas sem reprovações (reforço positivo), assim como no caso das outras participantes, culminando igualmente, na seleção e permanência dos comportamentos disfuncionais na escola, bem como no aumento de comportamentos encobertos de sintomas ansiosos, como desconforto abdominal, dor de cabeça e vontade de fugir do local, diante de provas em que se sentia despreparada.

P3 embasou sua escolha de curso de graduação na orientação dos pais, assim como P1 (reforço positivo por reforçamento social). A respeito de uma possível reprovação no vestibular, mesmo sabendo que é uma hipótese provável em função da concorrência do curso de Medicina, a fala de P3 é “eu me sinto na obrigação de passar esse ano, parece que se eu não passar esse ano tudo vai estar perdido, eu vou desapontar meus pais, as pessoas ...” .

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nos resultados, observa-se que as três participantes relacionaram ansiedade a uma preocupação intensa e medo de não atingirem um objetivo, que geram dificuldades na rotina diária (para P1 e P3). De acordo com FARIAS *et al.*, (2010 P. 131-132) o que transformaria uma ansiedade adaptativa em uma ansiedade problemática seria:

- 1) Excitação biológica com manifestações musculares neurovegetativas;
- 2) Relatos verbais de estados internos desagradáveis;
- 3) Comprometimento das habilidades sociais e acadêmico-profissional; dificuldade de concentração);
- 4) Reações de fuga ou esquiva;
- 5) Considerável sofrimento para a pessoa;
- 6) Evidências de que as respostas de fuga-esquiva tomam considerável parte do dia

Nessa perspectiva, nota-se que as queixas de P2 em relação às respostas de ansiedade são apenas no contexto de dificuldades em atividades avaliativas, sendo que essas respostas foram selecionadas e mantidas a partir da pandemia, período em que diminuiu a intensidade de comprometimento com as atividades escolares e mesmo assim conseguiu a aprovação no final do ano. Desse modo, seguindo os critérios acima citados e análise dos relatos de P2, a ansiedade relatada trata de uma ansiedade adaptativa e o perfil comportamental de ansiedade da participante não foi alterado frente ao vestibular.

As outras duas participantes (P1 e P3) relataram respostas respondentes e operantes de transtorno de ansiedade, em ambas a seleção e manutenção desses comportamentos aconteceu ao longo de suas vidas. Tanto P1 quanto P3 passaram por um histórico de controle coercitivo, o qual modela basicamente comportamentos de fuga e esquiva,

“mas não altera a perene presença das contingências aversivas; como tal não elimina os estados corporais (os sentimentos, podemos dizer), que se perpetuam, com variações de intensidade relacionadas com o sucesso ou não ao emitir comportamentos de fuga-esquiva. Diz-se que a pessoa está sempre em estado de alerta” (Guilhardi, 2004, p.16).

Apesar disso, as duas participantes (P1 e P3) relataram que a intensidade dos sintomas foi intensificada com a pandemia, provavelmente, por meio do mesmo processo de seleção do comportamento de baixo engajamento nas atividades curriculares que passou P2. Presumivelmente, a aprovação escolar ao final de um ano letivo, com pouco empenho nas aulas, reforçou positivamente o comportamento de P1 e de P3 de não estudarem. No entanto, esse comportamento gerou dificuldades na realização das atividades avaliativas escolares dos anos seguintes à pandemia (não tinham os conhecimentos prévios necessários para compreenderem novos conteúdos apresentados) e, concomitantemente, intensificou a eliciação de respondentes (tremor, sudorese, palpitação, entre outros), que provavelmente adquiriram funções de estímulos. Em outras palavras, passaram a controlar novas respostas (Zamignani e Banaco, 2005).

P1 e P3 também relataram perturbação do sono com a proximidade do vestibular. P3 relatou que perde o sono ao lembrar que o vestibular se aproxima, demora muito para dormir e acaba acordando muito cansada no dia seguinte. P1 mencionou dificuldade no sono relacionado a um sofrimento diante de interferências externas, como comentários

que pessoas dirigem à ela, que a fazem se sentir mal. Já P2, diferente das outras entrevistadas, relata estar dormindo bem.

Outro ponto em comum em relação à P1 e à P3 é a escolha do curso de graduação baseado na “sugestão” de outras pessoas (pais, professores, diretores). Para essas duas participantes o reforçamento social é muito importante. Tanto que a possibilidade de reprovação causará um grande mal estar. P1 criou uma autorregra de não realizar uma graduação caso venha a reprovar em seu primeiro vestibular e P3 relatou “se eu não passar esse ano tudo vai estar perdido, eu vou desapontar meus pais, as pessoas, me desapontar e eu ficaria muito mal com isso mesmo sabendo que eu não preciso realmente passar esse ano” (sic).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar que as respostas de ansiedade são compostas por comportamentos respondentes e comportamentos operantes de fuga/esquiva de estímulos aversivos incondicionados e/ou condicionados (ZAMIGNANI e BANACO, 2005), é a partir da análise funcional que podem ser identificadas as contingências que propiciam o desenvolvimento de sintomas não adaptativos, como ansiedade e depressão, em adolescentes (Bettio e Laurenti, 2016). Sendo assim, a fase pré-vestibular considerada uma fase geradora de estresse na vida do jovem estudante (MARTINS *et al.*, 2021), com muitas inseguranças, estão ligadas a um ambiente punitivo, por vezes advindo dos familiares mais próximos (BANACO, 1998).

O presente estudo analisou funcionalmente os relatos de cada uma das participantes, com o objetivo de investigar os perfis comportamentais de ansiedade em vestibulandos do terceiro ano do ensino médio, de uma Instituição Escolar, privada, de Cascavel.

A relevância da pesquisa se mostra por meio dos desafios envolvendo o processo de inserção à graduação e as consequências na saúde mental de estudantes, visto que segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), o Brasil tem o maior número de pessoas ansiosas do mundo. À vista desse dado, fica nítida a importância do cuidado à saúde mental em especial dos jovens pré-vestibulandos. Ademais, a análise identificou a interferência das relações familiares nessa fase da vida e trouxe dados importantes para o campo científico a respeito da relação escola-aluno na pandemia e pós-pandemia, para que sejam realizadas pesquisas com foco na prevenção de problemáticas de ansiedade no público referido.

Com a análise dos dados coletados foi possível verificar que os perfis comportamentais de ansiedade foram alterados frente às provas vestibulares, em duas adolescentes entrevistadas (P1 e P3). Contudo, a partir das análises funcionais, observou-se que os comportamentos ditos como ansiosos foram sendo selecionados ao longo de exposições de contingências coercitivas no caso das duas participantes (P1 e P3). Assim, o vestibular serviu como estímulo aversivo que favoreceu respostas de fuga e esquiva, por medo de uma reprovação não só do exame em si, mas também das expectativas familiares e sociais.

As contingências de exames vestibulares no Brasil, assim como àquelas presentes no histórico de vida das entrevistadas, eliciam e evocam as respostas de ansiedade antes selecionadas em virtude de deter contingências aversivas, como a exigência de conhecimentos específicos de acordo com o curso, o alcance de notas determinadas, competição, pressão familiar e social (SOARES *et al.*, 2010).

Os resultados enfatizam a importância de estudos científicos que examinem a relação do desempenho escolar com as recomendações do Conselho Nacional de Educação para a minimização da retenção em 2020 e a seleção e manutenção de comportamentos ansiosos em vestibulandos, uma vez que o contexto da pandemia do Coronavírus alterou os perfis comportamentais das três participantes (P1, P2 e P3) por terem recebido consequências reforçadoras positivas (aprovação no final do ano letivo) em um contexto de baixa taxa de resposta do comportamento de estudar.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 992, 2014.

BANACO, R. **Sobre Comportamento e Cognição**. Aspectos teóricos, metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista, Santo André S P, ed. 2, p. 1-554, 1999.

BANACO, R. **Adolescentes e terapia comportamental**. Adolescentes e terapia comportamental, ACADEMIA Accelerating the world's research., p. 143-148, 1998. Disponível em:
<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/36901469/Adolescentes_e_terapia_comportamental_ROBERTO_BANACO-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1665720227&Signature=RxSb64IEeFFrGCHybVPKy9nVcrRpILfZ5WEeycI7-ojj53UaehhFMuf-gW2duj96lZI2PLhvm3RV~WIEwj8g6dCNspJjLf09HsCpjbZHEZJ2I04hiigT3RmSYo8uN6ewEnhJRgKNdONIXPX1Jq2xdW1FzroRdDRrIwmFqoVgqzv1DYP6A>

XKPdoBf4hdbShDf1fy60CBhJkofeogai7nam1~PptvU6zTpRIoh14MMzK~Ebc238m73bns98OfmJGuDLKhOvO6XAifqhbpaUdTioqkGKEbRHgzKjm578AoVqEusV1veegFHQarvWW-iqQgnFe~9At7h4CDTPVBxsLO8Q__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA.> Acesso em: 21 set. 2022.

ZAMIGNANI, D. BANACO, R. **Um Panorama Analítico-Comportamental sobre os Transtornos de Ansiedade.** An analytical-behavioral panorama on the anxiety disorders, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, p. 77-92, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100009. Acesso em: 13 out. 2022.

BARROS, Aparecida. **Vestibular e Enem. Um debate contemporâneo**, Rio de Janeiro, p. 1057-1090, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/HgxYNwjGpjYVN3K5yZSRfLJ/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso em: 16 set. 2022.

BATISTA, M. **Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes.** Frequent anxiety symptoms of adolescents. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG, p. 43-50, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n2/v6n2a06.pdf>.> Acesso em: 16 mar. 2022.

BETTIO, Claudia; LAURENTI, Carolina. **Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano.** (Contributions of B. F. Skinner for studying human development), Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, p. 95-108, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274544251007.pdf>.> Acesso em: 19 set. 2022.

BRANDÃO, M. L. **Psicofisiologia: as bases fisiológicas do comportamento.** São Paulo: Atheneu, 2001.

COÊLHO, Nilzabeth; TOURINHO, Emmanuel. **O Conceito de Ansiedade na Análise do Comportamento.** The Concept of Anxiety in Behavior Analysis, Universidade Federal do Pará, p. 171-178, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/MrqdGPVCrQG7SQzZXDCWbCg/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso em: 17 set. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO . **PARECER CNE/CP Nº: 19/2020.** 8/12/2020. PARECER HOMOLOGADO, Diário Oficial da União, p. 1-107, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2020-pdf/167131-pcp019-20/file>. Acesso em: 11 out. 2022.

FARIAS, Ana *et al.* **Análise Comportamental Clínica:** aspectos teóricos e estudos de caso. Porto Alegre: Artmed, 2010. 341 p.

FERREIRA, T. H. S., *et al.* **Adolescência através dos Séculos.** Universidade Federal de São Paulo, p. 227-234, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso em: 29 mar. 2022.

GRAEFF, F. G. **A ansiedade**. In: GRAEFF, F. G., BRANDÃO, M. L. **Neurobiologia das Doenças Mentais**. São Paulo: Lemos, 1999.

GUILHARDI, H. **Controle Coercitivo e Ansiedade**. - Um caso de "transtorno de pânico" tratado pela Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR). Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, p. 1-49, 2004. Disponível em: <https://itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Controle_corecitivo_ansiedade_TCR.pdf> Acesso em: 6 out. 2022.

KERBANY, R., WIELENSKA, R. **Sobre Comportamento e Cognição**. Psicologia Comportamental e Cognitiva da reflexão teórica à diversidade na aplicação, Santo André, SP, ed. 1, p. 3-278, 1999..

MARTINS, R. *et al.* **Estresse em alunos de preparatórios para vestibular**. Stress in college preparatory students, [S. l.], p. 10639-10651, 3 maio 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/29866/23545>> Acesso em: 13 abr. 2022.

MATOS, M. **Análise funcional do comportamento**. The functional analysis of behavior. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 16, n.3, p. 8-18, setembro/dezembro, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/wHqz3qV6gSPKfdL4f8CGRYg/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 12 abr. 2022.

MOREIRA, M. B. MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOURA, Priscila. O mundo dentro da pele dos adolescentes. **Como a FAP pode proteger os adolescentes contra algumas questões da atualidade**, Portal Comportese Psicologia & AC, 2017. Disponível em: <https://comportese.com/2017/06/05/o-mundo-dentro-da-pele-dos-adolescentes/#:~:text=Em%20ess%C3%Aancia%2C%20%C3%A9%20um%20per%C3%ADodo,outros%20respondem%20a%20essas%20experi%C3%Aancias>. Acesso em: 18 set. 2022.

NABUCO, Guilherme. **O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?**. The impact of COVID-19 pandemic on mental health: what is the role of Primary Health Care?, Revista Brasileira Medicina Família e Comunidade, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/view/2532/1567>. Acesso em: 11 out. 2022.

OMS. **Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS**. 18,6 milhões de brasileiros convivem com o transtorno; tabu em relação ao uso de medicamentos, entretanto, ainda permanece, Revista Exame, 2019. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms/>> Acesso em: 16 mar. 2022.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. **Desenvolvimento Humano**. Desenvolvimento Human, Editora Artmed, ed. 8, p. 1-888, 2006.

PRUST, Laísa; GOMIDE, Paula. **Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes**. Relation between parents' and adolescents' moral behavior, Campinas, p. 54-60, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/BFBxJ84YkLswN3rSkYY9KMn/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 22 set. 2022.

SCHÖNHOFEN, F. *et al.* Transtorno de ansiedade generalizada entre estudantes de cursos de pré-vestibular. **Generalized anxiety disorder among university entrance preparation course students**, [S. l.], 4 abr., p. 180-186, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/VdTHcWdPwcst8PbknQM7RTC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA, E., LAURENTI, C. B. F. **Skinner e Simone de Beauvoir. “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências**, Universidade Estadual de Maringá, p. 197-211, 2016. Disponível em: <<https://revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/185/169>> Acesso em: 10 jun. 2022.

Skinner, B. F. (1969/1980). **Contingências do reforço: Uma análise teórica**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

SOARES, A. *et al.* **Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular**. The anxiety of students at the expectation of attending colleges' entrance examination, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, v. 20, n.º 45, abril, p. 57-62, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/jK7Q94vZh6b6PVxLpnwvpvRD/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 30 mar. 2022.

TODOROV, J. **O CONCEITO DE CONTINGÊNCIA TRÍPLICE NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO HUMANO**. THE CONCEPT OF TRIPLE CONTINGENCY IN THE ANALYSIS OF HUMAN BEHAVIOR, UniversidadedeBrasília, p. 75-87, 1985. Disponível em <:<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/16801/15262>> Acesso em: 10 jun. 2022.

ZAMIGNANI, D. R., BANACO, R. A. **Um panorama analítico comportamental sobre os transtornos de ansiedade**. Ver. Bras. Ter. Comportamento. Cogno. v. 7, nº1, p. 77-92, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v7n1/v7n1a09.pdf>> Acesso em: 16 mar. 2022.